



# Mundo

## FOLHA DA TARDE

REDAÇÃO  
123 — RUA DOS CORREIROS — 2.º

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO ADMINISTRADOR  
A. DE SOUZA PINTO

ADMINISTRAÇÃO  
140 — RUA DOS CORREIROS — 1.º

ASSIGNATURA

Linha, trimestre . . . . . 900 réis  
Provisão, semestres (definitivo) . . . . . 2,250 \*  
Anual, por uma (pessoa forte) . . . . . 12,000 \*

1.º ANNO

Quinta feira 6 de julho — 1882

Numero 6

PUBLICAÇÕES

Anuncios, por linha . . . . . 20 réis  
Comunicados, por linha . . . . . 60 \*  
Numero avulso 10 réis, passado o dia . . . . . 20 \*

### TRIBUNA

#### O PARLAMENTO



PARLAMENTO é o templo da religião social, que tem por altar as taboas da lei e por sacratio a urna da justiça. Ali deve haver a unção sublime da prudencia, o rito nobre da civilização.

O parlamento tem, por pendão, o ideal do bem.

O seu cantico sagrado é o hymno da reforma. O seu culto é o amor da patria. O seu idolo é o progresso, encarnado na ventura da humanidade.

D'alli devem irradiar, em scintillações de virtude, as verdades eternas da moral, os exemplos eloquentes da nobreza civica.

O parlamento deve ser isto.

Mas o que é, muitas vezes, o parlamento entre nós? Um circo de gladiadores, que entram na arena politica armados de odios e de egoismos, jogando o gume do vilipendio sobre adversarios integros, profanando a ara immaculada da lei com doestos e injurias, frementes de vicios e rancôres. E ali, entre as columnas lustradas do direito, no recinto sagrado da lei, no foco philosophico da moral, onde os cidadãos dilectos do povo devem servir de espelho politico ao pais; ali, no areopago venerando, saltam-se algumas vezes insultos desvariaes que fariam corar as enxovias!

E' necessaria a critica, perante qualquer projecto de reforma, porque da lueta do raciocinio deve irradiar a verdade. Mas na esphera philosophica e nos limites sociais a critica

é o lustre da alma e não o fogo da ira.

A critica é a lueta pela verdade, não é a cilada do egoismo á mercê das paixões.

O debate politico é o duello varonil mas cavalheiresco, travado entre a doutrina das seitas.

A discussão é precisa, porque do debate digno deve sair a pureza das aspirações. Mas a discussão, entre os nobres do poder e entre os fidalgos do talento, deve ser generosa como a inspiração do bem, serena como o ideal da virtude.

Compreende-se a irradiação subtil da argucia politica, modelada no vigor attraente do estylo academico.

Admira-se o impeto eloquente do arrojado oratorio, vasado na locução nobre e no ardor sublime do tribuno.

Adora-se, enfim, o esplendor do genio, quando nas scintillações do merito dealumbra a admiración publica.

E' divina a eloquencia de Demosthenes contra os abusos de Filippe da Macedonia.

E' sagrada a locução violenta de Cicero, perante os crimes de Verres e os excessos de Catilina.

E sublime a inspiração de Mirabeau, proclamando que todo o homem é igual perante a lei; e é admiravel o arrojado de Barnave, insurgindo-se contra o purismo philosophico, quasi poetico, de Mirabeau.

Tudo isto é bello, imponente, magestoso, dealumbrante, que eleva o espirito, nas altivas ondulações do genio, até o ideal da justiça.

Mas quando nos apparece a vaidade coroadada de petulancia, em gritos de ira e esgaras de trauão, affrontando a simples decencia que a policia exige na praça publica; em tal caso, meus senhores, eu pergunto á consciencia nacional se a disciplina do parlamento não será a primeira exigencia da Reforma.

Os excessos do parlamento estão a denunciar os seus vicios d'origem. Em geral os senadores, representantes natos da moderação philosophica e da justiça suprema, saem do berço dos

castellos, do capricho dos gabinetes e da imposição dos corrilhos, quando deviam sair da sciencia, da prudencia e da virtude.

Os deputados, representantes da pacte social, saem do basar da urna quando deviam sair do sacratio da consciencia publica.

Nós, perante estes abusos deprimentes e cahoticos, pedimos reforma eleitoral desde a cadeira curul até o suffragio do povo.

E' preciso appellar para o escrutinio da lista, com voto restricto ao eleitor que tiver a noção dos seus direitos e deveres. Hoje pedimos sómente á lei que corrija, na sua séde, o delicto dos legisladores.

O legislador deve ser o cidadão benemerito, saudando o progresso, em primores d'alma, com a convicção austera, com a aspiração magnanima, com a critica generosa, com a lealdade immaculada.

Não se evangelisam principios justos com a distribue dissoluta, com a injuria espumante, com a apostrophe malevola, com a abjurgatoria tenebrosa.

A virtude é uma arte que se deve aprender.

Assim dizia Seneca perante Roma gentilica. Assim dizemos nós perante a degradação moral dos parlamentos.

HAMLET.

### PRISMA POLITICO

A politica, no parlamento, está sornna, bocejante, languida, triste e indolente.

Depois da excitação athletica veio o calapso dos menestres que na idade media repousavam na clareira dos bosques depois dos torneios poeticos.

Alguns legisladores contemplam, sublimemente estaticos, os cantos do areopago, outros resumam nos reconceivos dos gabinetes e nos corretores biblicos d'esse templo da lei.

Aqui vê-se a palmeira do Ephraim onde o oraculo deixa deslisar dos

Estava nas mesmas disposições de animo concentrado, como eu; desviava com desgosto os labios da amargura da vida; genio desconhecido, alma contemplativa, corpo fatigado pelo pensamento.

Luiz indicara-me uma casa isolada e tranquilla, no alto da cidade d'Aix, onde se hospedavam doentes.

Essa casa, dirigida por um excellento medico e por sua mulher, ligava-se á cidade por uma estreita senda que serpava na collina. O caminho subia entre as nascentes das aguas sulfureas. Parte da casa dava sobre um jardim, cercado de ramadas, com as portas do muro abertas sobre a encosta verdejante.

Para alem os prados, as devezas de castanheiros e de nogueiras, conduziam ás montanhas por estreitas veredas cobertas de relva, através de profundas quebradas; havia a certeza de não encontrar no caminho senão rebanhos errantes de cabras.

labios, inflados em inspirações, muitos presagios ternos, que devem fazer as delicias dos crentes. Ali vê-se o gladiador, tumido em iras, feroz e terrivel, jurando a morte do governo. Lá dentro, na sala dos senadores, onde se depenna actualmente o pavão do syndicato, apparecem os oradores, fatigados com a sua propria eloquencia, atirando apostrophes para a amplidão do espaço, e para os desertos das galerias.

Tudo resvalando para a inercia ou para o ridiculo.

Inercia, mascarada de civismo. Ridiculo, com purpura de seriedade curul.

Tudo está fatigado dos arrojados da palavra vã e dos impetos da declamação ingrata.

De quando em quando sente-se um arranco de paladino, irado contra o vicio de origem, que o repellia d'estas lides incompativeis com as suas aptidões.

Todos gemem com o peso da reforma, que entre nós é mais dura do que o marmore, e que resiste, eternamente, ao buril do senado.

O' inclito senado! Por amor do bello, da arte, do ideal da civilização, do rigor da lei, da força do direito, do entusiasmo da verdade, acaba com essa estupenda massada, que já produz espreguicamentos á patria, e só dará bocejos á historia.

Hontem falou muito, e muito bem, o sr. Visconde de Moreira do Rei. O sr. Vaz Preto, apesar da sua generosidade fidalga, devia sentir intima omulação pelo aticismo picante do nobre orador.

Na essencia da questão todos os dignos proceres são eguaes, e por isso é que a patria não pode dar premios n'este arduo curso de syndicalismo methaphisico. Mas na fórma, o caso é diverso. Apparecem timbres em todos os graus da gamma musical, desde o baixo buffo até ao soprano sfogato. Isto de soprano sfogato é um modo de dizer. Vox de fasete será talvez termo mais apropriado.

Luiz promettera-me passar algum tempo comigo em Aix, logo que liquidasse uns certos negocios, que o prendiam a Chambéry, por causa da morte de sua mãe.

A sua presença devia ser-me doce, porque a sua alma e a minha comprehendiam-se nas tristes desillusões da vida.

Ha uma intima consolação no soffrimento reciproco, talvez maior ainda do que na mutua felicidade.

A dor tem uns laços mais intimos do que o proprio goso para abraçar os corações.

Luiz era n'esse momento a unica pessoa, cujo contacto me não seria doloroso.

Esperava-o com o animo tranquillo.

VIII

Fui recebido affectuosamente em casa do medico. Deram-me um quarto, que tinha uma larga janella so-

O sr. Moreira do Rei, que, no campo acustico, é dos mais notaveis, no campo theorico foi tambem um pouco distincto. Pelo menos animou a camara, e a sacra flama venha d'onde vier é sempre fogo sagrado.

Dirigi á opposição algumas notas, que tinham esquecido ao sr. Vaz Preto no hymno que cantou ao governo.

E nada mais.

HAMLET

### VIDA DA CÔRTE

#### UM EMIGRADO PARA AS ILHAS SANDOWICH

No Carmo, meia-noite dada.

As zonas do gaz amorteciam com palores bruxuleantes, e aos cantos do Café o relevo das coisas já mal se distinguia na penumbra que allastava, somnolentemente. Os criados bocejavam, e a uma meza mais abeirada da porta, um creançola anemico, cuja testa acanhada porejava suores de embriaguez, alternava o olhar envidraçado para a garrafa do abayntho tentador e para a rua deserta, donde vinham uns bafos frescos de aragem, que lhe dissipavam as tenturas.

Uma mendiga espreitava, coberta de farrapos, e amamentando uma criancinha cujos vagidos pozeram uma nota de dôr vibrante no ar espesso, em que ainda fluctuavam nevosas baças de fumo.

Fernando Leal, cofiando a sua bella barba loira, olhava a borbulhação da cerveja, e franzia os labios em um sorriso jovial, subtilmente ironico.

Um de nós propoz:

—Amigos e senhores, é tempo de sair e trocar pela brancura consoladora dos lençoes, pelo calmo dormir das consciencias dilatadas esta bohemia sem norte que nos tem embalado. Ao mesmo tempo, a briza, o aspecto da noite serena, as escorrencias azulinhas do luar, podem fazer transpirar as melancholias severas que ve-

bre o jardim e sobre o campo. Quasi todos os outros quartos estavam desoccupados.

A vasta sala de jantar e a sua grande meza ficavam tambem desertas. Apenas se reunia á hora da comida a familia da casa, e tres ou quatro doentes retardatarios de Chambéry e de Turim.

Não havia ninguem com quem eu pudesse entreter-me, ou contrahir algumas relações agradaveis.

O medico e sua mulher percebiam isso perfeitamente, e desculparam-se com o adiantado da estação e a rapida partida dos seus hospedes, que receavam um outono agreste.

Fallavam-me sómente com visivel interesse, e com certo respeito compassivo de uma senhora estrangeira, que se demorava ainda em Aix por causa da sua estrema fraqueza, que podia degenerar em consumpção lenta.

(Continua)

### FOLHETIM

## OBRAS PRIMAS

RAPHAEL

(PAGINAS DOS VINTE ANNOS)

POR

A. DE LAMARTINE

VI

A paisagem, a estação, a natureza, e formosura e o desfallecimento de todas as coisas em volta de mim formavam uma doce harmonia maravilhosa com o sentimento da minha alma.

Mergulhava-me em abysmos de tristeza; mas essa tristeza era tão viva e cheia de pensamentos, de impressões, de communicações intimas com o infinito, que eu não desejava sub-

VII

Quando passei por Chambéry, tive o praser de encontrar o meu amigo Luiz de...

dam ao Gomes Leal a sua jovialidade folgazã. Isto ou é poema em fermentação, ou algum amor desca-

bellado. Se podessemos barafustar-lhe as cellulas cerebraes haviamos de encontrar ou lava de paixão vulcânica, ou crepitar de redondilhas em evolução grandiosa de epopeia formidável.

Gomes Leal não respondeu: Toda aquella noite passára-a elle, reservado, um ou outro monossylabo unicamente, a cabeça encostada á mão, um folego apressado.

Quando nos levantámos, ouvimos murmurar-lhe:—E' impossivel ficar! Saímos, apertámos as mãos e ajustámos estar no dia seguinte, ás onze horas da manhã, no Silva.

No outro dia Gomes Leal não appareceu. Procuramol-o no Chiado, na Havaneza, no Restaurant Club, em casa—e nada. No dia seguinte a mesma coisa. Ninguem nos dava noticias d'elle. Estavamos horrivelmente consternados. As supposições mais extraordinarias, as desconfianças mais espantosas, as suspeitas mais torriveis, vergastaram o nosso espirito em cuidados e ancias. Vinham-nos vislumbres de reminiscencias d'aquella noite passada no Montanha, pezavamos todos as suas palavras, os gestos, os ais, os suspiros, mas não atinavamos.

Um verdadeiro misterio.

O sr. X... é um editor ousado, gosando de largos creditos, trabalhador incansavel, que se dedica á vulgarisação de obras de vulto, acata os principiantes desconhecidos e os talentos formados, paga liberalmente e dispõe de dinheiro a mãos cheias, de que a protecção publica jamais o indemnisa. E' um benemerito das letras. Tem porem uma mania—quer que os contractos se cumpram á risca.

Ha uns bons quatro annos, o poeta Gomes Leal annunciou o Anti-Christo. X. encasacou-se, estudou um aranzel sobre a litteratura moderna, a poesia demolidora, a poesia realista, e apresentou-se ao conhecido escriptor, que, pasmado, supportou uma memoravel massada em que o espanto classico da locução corria parcellas com o criterio e luzimento das ideias. Ouviu-o, benevoló, o poeta, e perguntou-lhe no final da parlenda, a que devia a honra etc...

X, um pouco admirado de que o seu interlocutor não tivesse deprehendido o fim da visita da curiosa arenga, esmaltada de finos donaires de forma, declarou a que vinha, jubilos por servir uma intelligencia de tão subida esphera, que tantas mostras já dera do seu valor, e tão apuradas faculdades revelara.

Gomes Leal aceitou, e X. começou a dizer as coisas para a publicação do poema. Mas o tempo foi passando, passando, e Gomes Leal não dava o manuscrito. X. magoava-se e todas as semanas lhe pedia a obra com uma solicitude louvaminheira que era de arreigar orgulhos na alma mais meticulosa em coisas de modestia.

—Então o poema, Gomes Leal, o poema? Isto é uma demora de seiscentos diabos.

—E o Junqueiro não anda ha uns poucos de mezes a annunciar a morte de Jehovah? Espere.

X, que tinha uma admiração sem freio pela «Morte de D. João», cedia anteeste argumento, ruminava os seus desgostos, e d'ali a oito dias voltava á carga. A desesperança é que nunca lhe annuviou o rosto. Tinha fé em Deus, que aquelle que o queria matar a enxadadas de alexandrinós, e a cutiladas de estrophes, mais cedo ou mais tarde lhe passaria a certidão de obito em luxuriantes estrophes e gloriosas rimas. O que era promettido era devido...

Quando eu o avisei de que era desconhecido o paradeiro do poeta, X. teve um sobresalto.

—Não, isso não; elle poderá ir para onde quizer, poderá fugir ás coleras das auctoridades, poderá até morrer, mas o manuscrito quero-o para aqui. Não; ou bem que ha pa-

lavra ou bem que não ha. Se é brincadeira de erianças o caso é outro. Eu, que lhe sabia do fraco, atalhei:

—Sim, mas o Junqueiro...

Elle curvou a cabeça:

—Sim, é verdade... o Junqueiro.

Depois, com ardor:

—Vocês teem-no procurado?

—Por toda a parte, meu rico, desde Santa Apollonia a Campolide, e desde o largo do Matadouro até á Havaneza, não ha recanto, alfurja, becco, que nós não pesquissassemos.

O olhar fulgurava-lhe em hostilidades aggressivas.

—Pois eu hei de achal-o, ainda que estafe os bofes. Hei de correr meio mundo, mas affianço-lhe que a ovelha ha de voltar ao redil.

Poz o chapéu, lançou mão da bengala e sumiu-se-me.

A scena passa-se n'um botequim.

X, sentado, desoladoramente, a uma mesa, tira do seu longo cachimbo, fumaradas que se espiralam lentas no ar. Tem um aspecto cansado, olheiras cavadas como que em listões de bistre, e passa pela guedelha a sua farta mão cabelluda, em meneios que claramente diziam toda a amargura que lhe ia n'alma.

Cedo ainda.

Subito, entreabre-se a porta, e um homem baixo e musculoso brandindo uma bengala entra como uma rajada, praguejando, e senta-se defronte de X.

Este devora-o com um olhar interrogador.

—Estão? que novidades ha?

O outro, limpando o suor, que lhe escorre em bagas;

—Ah! deixe-me, homem... Respiro. Estava morto, positivamente morto. Uma massada de mil diabos!

—Mas... sim... descobriu?

—Descobrir não, mas tive indícios, signaes, avisos... Emfim, tenho esperanças.

—Mas conte, que diabo! Diga o que fez, os indícios que teve... Você não vê a inquietação em que estou?

—Acalme-se, acalme-se; que não ha motivo para descrença.

As ultimas informações collidas garantem-me o seguinte:

«Sabbado á noite, Gomes Leal caíra n'um abatimento desesperador. Bramava longas horas, fechado no gabinete de trabalho; com os amigos, expandia-se dizendo que estava enojado da podridão social, da corrupção dos partidos, da hypocrisia dos homens; que se sentia mal: todas as mulheres se lhe affiguravam cheias de peccado, e os homens faziam-lhe o effeito de vermes luzidios nadando em enxurradas. Que estava já farto de reagir, de marcar os histriões, de fazer heresias; que só tinha duas coisas a fazer—ou matar-se ou procurar a solidão de ilhas abandonadas. Ultimamente aggravara-se a misantropia; comprára um revolver, um punhal, uma espingarda, uma corda e entrára em negociações com uma fabrica de fóra, para a compra de um canhão! A casa era um arsenal! As algibeiras estavam cheias de versos, de fulminantes, bocados de dynamente, e bisturis! Tinha a preocupação da ilha isolada e do suicidio. Um dia appareceu-lhe em casa um inglez, que se encerrou com elle no quarto durante tres horas.

«Ouvidos indiscretos surpreenderam estas palavras:—bom... clima... missão... civilisadora... revolucionar... população...

«D'ali a dois dias desaparecia Gomes Leal».

Os olhos de X. rebrilhavam com uma phosphorecencia aguda. Ria-se-lhe o rosto, n'uma franqueza de alegria.

—Que mais?

—E' o que sei.

—Está bem. E você não acertou com a luz, em todo esse cahos de informações? Pois acertei eu. Vejo longe, meu amigo, profundo muito, tenho faro d'estas coisas.

Uma hora depois, X. mettia-se

n'um bote ao Caes do Sodré e dizia ao barqueiro:

—Vapor Hanza!

Ao saltar a bordo do vapor inglez, X. avistou logo Gomes Leal, em contemplação d'aquella deliciosa serenidade do rio, pulverizado de luz, e que corria manso como um adeus saudoso de noiva, e da amplitude anilada em que as andorinhas esvoaçavam silenciosamente.

X. bateu-lhe no hombro com a semceremonia prosaica de um burquez, que lança á conta de frioleiras estes extasiamentos de organismo delicado.

Gomes Leal voltou-se.

—Você aqui! O que quer você?

—Saber para onde o amigo vai.

—Eu, amigo, estou farto d'este paiz latriniario. Um passeio até ás Sandwicks.

—Pois, meu caro, os seus planos serão muito bonitos, eu lastimo impenso o seu desconsolo, mas primeiro está outra cousa. Eu preciso do «Anti-Christo.»

—Mas o Junqueiro tambem...

—De accordo, mas esse não emigra. Dê-me você o poema e depois pode ir a todas as ilhas da Polynesia e Malasia, que não me dá isso cuidado. Mas o poema, quero-o.

Já hontem tivemos a honra de apertar a mão ao illustre cinzelador do verso, o sr. Gomes Leal. Vai dar o poema a X, a quem está immensamente grato pelo serviço que lhe prestou, livrando-o dos horrores proveis a que estaria sujeito o seu bom estomago, affeito aos requintes da cosinha franceza.

O odio—case vai passando-lhe com o correr do tempo.

HEITOR ANCEL.

Os carroceiros fizeram greve. Todas as classes, na sociedade, são dignas de respeito. N'este seculo de aspirações equilibristas, as classes são apenas cios socios n'esta cadeia, que prende o convivio da ordem á evolução do progresso.

Posto isto, os carroceiros teem tanto direito de fazer greves como os deputados da opposição. E já houve opposição em Portugal, que fez greve. Ora, quando o exemplo vem de cima, facilmente se segue.

Note-se que ha certa analogia entre as greves dos carroceiros e a dos páis da patria. Apenas a seguinte differença. Uns querem andar a cavallo nos seus onagros, outros queriam andar a cavallo no paiz.

Quem terá mais razão?

CULTO DA ARTE

NO PALCO—RAUL DIDIER

O norte de Portugal tem sempre brindado com uma opulenta pleiade de poetas, luctadores de boa marca, e talentos de eleição, a vanguarda da nossa litteratura, e os postos avançados da milicia reformadora. O valoroso critico Silva Pinto, que jamais deslustrou a sua nobre carreira litteraria com uma affirmação gratuita, ou um louvor menos honrado, assignala esta verdade, na sua nervosa linguagem e com a autoridade do estudo, n'um bello trabalho que, a proposito de Narcizo de Lacerda, vem publicado no livro *Combates e Criticas*. Testemunha o facto um simples relance das personalidades e das obras mais originaes e completas, que nos ultimos annos têm norcado o publico, e insuflado uma alma nova, uma corrente robusta de vida, germen de poderosas frutificações, na mentalidade de uma geração, a que a rotina embargava o caminhar livre para a luz e a ascensão evolutiva para as novas formulas de estabilidade moral.

A forte columna dos poetas modernos, não baldeados ainda no olvi-

do ingrato pela guerra acintosa dos mesquinhos, ou pelo desalento de uma triste camaradagem, vêem na maior parte das provincias uberrimas do norte, com a coragem do direito, cheios da salutar e rude effervescencia de seiva que por ali se desata em vegetações assombrosas de corpulencia e delineamento. Teem a espontaneidade rude, a virilidade emprehendedora, a tenacidade resistente, elementos que tonificam para a luta, e aprestam para o triumpho, os espiritos que uma singular intuição resgatou aos perigos do aviltamento artistico e ao pasmo das idolatrias cegas.

Ao grupo de poetas, porém, que ultimamente têm aureolado com as scintillações do seu talento o nosso horizonte litterario, rapazes entusiastas, fogosos, e mais ou menos bohémios, que dedilham nervosas symphonias nos seus bandolins doirados—escasseia a largueza da concepção, o sopro fremente da vigorosa inspiração, e sobra-lhes o culto pela forma, pela harmonia das palavras, pelo relevo das imagens, uma veneração sagrada pela plastica palpitante, pela ondulação das curvas, por todas as magnificencias de contornos e exuberancias de colorido.

E o predomínio da forma sobre a ideia.

Raul Didier, como todos os seus contemporaneos, tem esta grande preocupação do estylo. Emmoldura um pensamento nas mais feitasas e rendilhadas locuções, esconde-o quasi na fluencia das phrases, das imagens, das rimas, d'aquella caudal de primores, em que uma mansidão de luz se dissolve, e rumores mysteriosos, christallinos, vibram petulantemente como cantos de roixinoes.

Raul Didier tem uma facilidade notavel na confecção de versos. Iria-os sempre de um bom humor de dessidente, polvilha-os de uma brandura meiga, e adorna-os com as mais sonoras e bellas galas dos vocabularios esfusiantes, multicores, com que brincam e com que debuxam arabescos de mil caprichos, os estylistas de hoje.

Tem uma finura de gosto especial, uns moldes de critica mordaz e incisiva, com que analysava os costumes e fugitava valentemente os ridiculos quotidianos, quando na *Folha Nova* escrevia as *Christallisações e Gazetilhas*.

D'elle já conheciamos uma comedia em um acto, realista, a *Borga*, que foi publicada sob o pseudonymo de Ernest Hémery, e que era de indole a pruir de vergonhas o bom burquez, e a armar escandalo grosso por essas sendas alem da pacata vida indigena.

No *Palco* é uma collecção de monologos e dialogos, em verso, donde destacam como principaes, pela pureza e flexuosa modulação da forma os *Noivos* e *Dissidentes*. Evolam-se d'ambos emanações lyricas, e esbatem-se uns laivos naturalistas, que dão um cunho sadio e um resaiço acre, muito do sabor actual, aquellas deliciosas flagranas buriladas com amor, e sentidas a fundo.

A organização do poeta, estuda-se em parte, atravez o espelho da obra. Esta não a reflecte totalmente, mas cremos que as duas annunciadas, *Illuminuras* e *Estancias* transluzirão o temperamento do artista, e todas as phases do seu talento que tão brilhantemente surgiu, e tão depressa se impoz.

No proximo domingo transcreveremos alguns delicadissimos trechos do livro do sympathico escriptor.

HEITOR ANCEL.

COLUMNA ROSTRAL

A Imprensa

Reconhecimento intimo á imprensa que nos saudou. Não fazemos dis-

tinção de partidos. Nós, como jornalistas, somos todos irmãos, embora estejamos filiados em escolas diferentes.

O *Mundo* é enviado a todas as redacções do paiz, qualquer que seja a bandeira que lhes sirva de timbre. Isto desculpa-nos perante o *Diario Illustrado*, que declara não ter recebido a nossa visita. Nós temos no *Diario Illustrado* amigos, a quem consagramos affectos e gratidões. E quem conhecer o nosso caracter não nos pode imputar falta de urbanidade.

A *Correspondencia de Portugal*, nosso illustrado confrade, honra-nos com a transcripção de um artigo de Hamlet.

Reconhecidos, saudamos todos os collegas.

O Marquez de Pombal era de tal raça, que um seculo depois da morte, ainda produz intimos desgostos.

Haja vista ao que está succedendo aos alumnos da escola-medica.

Por causa d'elle, isto é, do centenario, gastaram dinheiro, profanaram o ideal, cansaram o peito com o vivo, incommodaram os golpinhos do patrio Tejo com a Marselheza, e depois foram pronunciados.

Os distinctos filhos de Minerva, casada com Hypocrates, hão de convir que as sombras do marquez tem enquiço.

COSMOGRAPHIA NOTICIOSA

A Companhia do Tunnel Submarino da Mancha communicou a mr. Gladstone as resoluções, que a assembleia reunida no dia 23 de junho havia adoptado.

A companhia pede ao governo inglez que decida se o tunnel constitue perigo nacional, e n'esse caso convocará a assembleia geral dos accionistas para lhes propor o abandono da empreza.

Fernando de Lesseps, acompanhado de umas trinta notabilidades scientificas, embarcou no dia 30 em Calais para ir a Douvres visitar os trabalhos do tunnel submarino.

NOTAS PORTUENSES

5 DE JULHO

Será talvez vaidosa pretensão minha, o suppor que estas singelas notas podem preoccupar os leitores do *Mundo*, mais algum tempo do que o rapido momento em que por ellas passam os olhos benevolos. Mas, admitindo essa hypothese altamente lisongeira para mim, o que terão vossas excellencias pensado do «aspecto pequenino do nosso mundo artistico» que eu qualifiquei de «deploravel». na minha primeira carta? Deploravel, porquê?

Eis o que vou explicar:

Companhias permanentes, nos dois theatros que actualmente funcionam, temos uma dramatica e outra de opera-comica; mas nem uma nem outra são completas. Basta que a primeira está sem ingenus e a segunda semp tenor.

Ora digam-me, com franqueza, se póde haver uma companhia dramatica sem uma actris que saiba rubrisar-se ao ouvir um *amo-te!* impetuoso do galan, exprimir o espanto e o horror perante as tentativas criminosas do cynico, proromper em soluços magoados ao receber a maldição do pai nobre! Digam-me ainda se uma companhia de opera-comica póde dispensar um tenor que garganteie as arias apaixonadas, que entoe as balladas melancolicas, que cante os ternos duetos com a contralto!

—Pois é n'esse estado que se encontram as nossas companhias; n'esse estado

—fora o mais que eu não quero contar!...

No Principe Real havia um tenor; não era um Tamberlick, um Gayarre,

um Tamagno; verdadeiramente a sua especialidade consistia na esgrima e na dança; mas, enfim, sempre era um tenor. Um bello dia deu um bote mestre na arte, fez uma pirueta e poz-se ao fresco. O melhor artista que a empresa encontrou para o substituir foi... a actriz Manzoni. Para tenor tem a figura e os ademanes varonis; para cantar e declamar em portuguez tem a mais cerrada accentuação italiana. Isto, aliado a uma voz de contralto razoavelmente velada, dá a medida do acerto da substituição.

No Baquet vegetava uma ingenua que trazia uma legião de adoradores enfeitados pelo fulgor dos seus olhos, e pelas iriações dos seus cabellos admiravelmente pintados. Não era uma Dejazet, uma Legault, uma Julia Bartet, uma Sarah Bernhardt; estava até muitissimo longe de poder comparar-se a qualquer d'esses astros parizenses; mas, enfim... era a primeira dama do Baquet, que trazia escandentes os corações de varios trovadores que lhe cantavam os olhos profundos como oceanos de luz, os cabellos doirados... como as coisas mais bem doiradas. Um bello dia, tambem, não sei que dor lhe deu, levantou vóo, e foi para o doce remanso da sua casa ler os sonetos e os alexandrinos emparelhados, que uma pleiade de vates lhe tinha arrojado cavalheiresamente aos pés. Um d'elles chegára a multiplicar-se em pseudonymos diversos para não espantar o orbe com a sua fecundidade. E a actriz fugiu a este esplendor que a cercava! Hontem era Palmyra decantada; hoje é Palmyra em disponibilidade; amanhã será Palmyra em Ruínas, sem que talvez lhe appareça um Volney!

*Sic transit gloria mundi!*  
Oh, demonio! como eu desembestei uma velharia latina a proposito de uma actria! E' o acaso advertindo-me de que estou sendo massador... Mas, que querem! se os nossos theatros estão realmente tão inspidos!

Inspidos no que respeita á arte, que no tocante a episodios burlescos são bem ferteis. Ainda hontem no Principe Real houve uma soberba scena do Campanone.

Pouco antes da hora do ensaio estavam reunidos á porta do café do theatro as actrizes e os actores. N'isto chega uma criança, dirige-se a uma gentil filha da Hispania e soluça um *dé-me cincocoreizinhos!*

—Olha—diz-lhe inocentemente a actriz indicando uma collega nascida sob o anilado ceu da Italia;—pede áquella senhora que é brasileira.

A italiana dou-se, entendeu que era epigramma, e resmungou: —Sou brasileira? E ella é de todas as nações...

A hespanhola não ouviu; mas uma collega portugueza de lei e como tal eminentemente linguareira, logo que a brasileira se retirou para o ensaio, foi pespegar á outra o que esta replicára, explicando-lhe o sentido das suas palavras.

Ai, pai do ceu! esteve para haver uma conflagração europeia! Portugal metteu os cães á moita; a Hespanha ferida nos seus brios, soltou um *caramba!* galgou as escadas do palco e foi pedir satisfação á Italia. Romperam-se as hostilidades, e o que se disse de parte a parte era o bastante para fazer esboroar o mundo (não este, que estão lendo) se elle não estivesse bem seguro nos seus eixos.

A Italia jurou *per Bacco* que sairia do mappa-mundi, perdão, do theatro, se a Hespanha ali permanecesse; a Hespanha fez idéntico juramento, por Santiago, se a Italia não saísse. As potencias intervieram na questão, e o ensaiador multou as duas revolucionarias, que mais exasperadas ficaram, e deixaram em sobresalto aquella Babel.

A desdiciencia persiste. Ou a Hespanha sai, ou a Italia deixa a companhia sem tenor... feminino.

O caso é gravissimo, lá isso é; mas oxalá que sempre haja incidentes d'esta natureza quando faltar o assumpto ao vosso RAMONIN.

ECCOS DO PAIZ

Segundo informações fidedignas, já sobe a 600\$000 réis diarios o rendimento das linhas ferreas da Beira.

Participam de Villa Real que, na segunda feira, pelas 5 horas da tarde, houve um grande incendio em uma casa no sitio dos Tres Logares, pertencente ao sr. conde de Villa Real, ficando completamente destruido parte do edificio.

Falleceu no Porto o sr. Domingos José Correia Bastos. Era solteiro, sem herdeiros necessarios, e deixou testamento cerrado e approvedo pelo tabelião Tiberio.

Além de outros legados pios de somenos importancia, deixou á Santa Casa da Misericordia 5:000\$000 réis em inscrições de assentamento, sujeitos á pensão vitalicia de 12\$000 réis mensaes a Maria José Rodrigues, que foi sua governanta; á irmandade das Almas de Santa Catharina 20 acções da Companhia do Gaz, sujeitas á pensão vitalicia de 3\$000 réis por mez á sua afilhada Anna, filha de Hermenegildo do Couto Ribeiro; ao Asylo de Mendicidade 500\$000 réis; ao Asylo das Raparigas Abandonadas 3 acções do Banco Alliança; ao Asylo dos Meninos Desamparados de Campanhã, ás Meninas Desamparadas do Postigo do Sol, ao Asylo da Primeira Infancia Desvalida, ao Asylo de Villar, ao Collegio dos Orphãos da Graça, á Creche de S. Vicente de Paulo, á Escola dos Surdos-Mudos, ao Sanctuario do Bom Jesus do Monte, á confraria de Nossa Senhora da Conceição, de que é irmão, erecta na igreja de Santo Ildefonso, ás Ordens do Terço, S. Francisco, Carmo, Trindade e Lapa, a cada um d'estes quatorze estabelecimentos uma inscrição de 100\$000 réis nominaes. Aos lazarus, lazaras, entrevadas, envelhadas, velhas invalidas, recolhidas n'estes cinco estabelecimentos a cargo da Misericordia, para ser dado individualmente a cada um, a esmola de 500 réis.

A receita geral do santuario do Bom Jesus de Mathosinhos, no trimestre de 1 de abril a 30 de junho, foi de 2:527\$845 réis, sendo a ordinaria de 647\$780 réis, e a eventual, incluindo as offertas nos tres dias do Espirito Santo, de 1:953\$065 réis.

Na freguezia de S. Jeronymo de Real sahiram para a romaria de S. Torquato os paes de duas creanças, que deixaram sosinhas. Uma d'estas apanhou á mão uma navalha e aproximando-se da outra cravou-lha na fronte, mas de tal modo que a infeliz creança ficou em perigo de vida.

No domingo á tarde, depois da realisação do meeting que houve em Lamego, os bandos de Portello e de Samodães, travaram-se de razões ao pé do Relógio de Sol, na estrada velha da Regoa áquella cidade, desandando todos em breve em uma tremendissima desordem, de que resultou uma morte e alguns graves ferimentos.

Os desordeiros evadiram-se e os feridos foram recolhidos ao hospital de Lamego.

SECÇÃO HORRIPILANTE

Carne de cão!

O uso da carne de cão para alimentação do homem, vai augmentando consideravelmente entre os operarios e trabalhadores das grandes cidades da Baviera meridional.

Segundo o parecer da junta dos professores da escola veterinaria de Enreghem, a carne de cão póde entrar no consumo ordinario com direitos iguaes á de vacca, de cavallo, etc.

Parece que estamos d'aqui a ver o delicado leitor,—que não esteve no cerco de Paris,—a estremecer

arripiado de nojo e repellencia. *Carne de cão? Brrr!!*

Pois fique sabendo que o prato aristocratico que tanto pompeia na sua meza e que é o piteu frio mais saboroso que existe no mundo,—fiquem sabendo que a *pâte de foie gras aux truffes du Perigord*,—com tubarões do Perigord!—é feita geralmente de... *figados de cão*. E' o que nos affiançou um distincto ingenheiro nosso amigo, que viveu muito tempo em França,—e a outras pessoas de credito o tinhamos já ouvido contar tambem.

Carne de cão!... Oh! Mas antes isso, porém, do que o seguinte

Manjar pouco appetitoso

Tinha sido elevado á cathogoria de ducado pelos imperadores allemães o territorio de Milão, e fôra o primeiro investido na dignidade de duque um membro da familia Visconti, chamado Bernabó. Mal começou a reinar, fez uma alliança politica, que desagradou tanto á curia romana que o papa Urbano V, valendo-se das armas do Vaticano, lhe mandou o cardeal Belfort e o abbade Tarfa com ordem de o excommungarem se porventura elle não annuisse ao que sua santidade lhe ordenava. Bernabó recebeu os embaixadores galhardamente; mas não assentiu em nada que o papa queria; e elles, fieis ao sacro mandato, pozeram-lhe solememente nas mãos a bulla de excommunhão. O duque recebeu-a sorrindo, e metteu-a pausadamente na algibeira.

Despediram-se os enviados do papa, e Bernabó foi acompanhá-los com a sua regia comitiva até ás portas da cidade. Assim que o cortejo chegou ao meio de uma ponte que atravessa um grande canal, mandou o duque fazer alto, e disse com deudo aos embaixadores:

—Queiram vossas senhorias dizer-me se teem fome ou sede, porque eu estou resolvido a dar-lhes de comer ou de beber antes de sairem d'esta ponte.

Confundidos os prelados com tão estranha proposição, consultaram-se entre si, e responderam ambos: «que num lugar onde tanto abundava a agua, antes preferiam comer.»

—Muito bem,—replicou o duque tirando a bulla do bolso—Hão de então vossas senhorias comer a bulla, que me trouxeram.

Debalde tentaram os prelados resistir, ameaçando o duque com o castigo divino; a consciencia de Bernabó era á prova de todo o anathema. Insistiu terminantemente. e o cardeal e o abbade como prudentes, e colheram o menor mal, comendo em tiras não só toda a bulla, que era de pergaminho, mas tambem a bolsinha de seda em que viera guardada, e lá se foram depois, caminho de Roma, digerindo a refeição e a affronta.

Pelo andar dos tempos a familia dos Viscontis requintou tanto em tyrannia, que mataram Galeazzo Sforza, o duque reinante em 1476, numa conspiração urdida contra elle, e seu filho e successor foi privado do ducado de Milão por Carlos VIII de França.

Herolismo

O facto deu-se na feira de Precy sobre o Thil.

A multidão apinhava-se para ver as feras, de que era separada por uma especie de corredor de metro e meio de largo. Um simples tabique, onde os rapazes estavam escanchados para ver melhor, detinha o publico. No corredor vigiava um policia.

Chamava a attenção pela sua corporencia uma bella leão do Sahara. Era um bicho formidavel. Arrastava-se e rugia. De repente dá um salto e alonga e recolhe através da grade uma pata enorme. Da pata pendia preço pela cabeça um rapaz de nove annos. A criança começa a gritar desesperadamente. O policia atira-se, apanha o rapasito e puxa-o; mas a

cabeca fica-lhe entalada nas grades. Sem vacilar, levanta com uma mão as garras da fera, livra a cabeça do rapaz... e salva-o! O braço e a mão do heroe ficaram a escorrer sangue. O ar estrodeou de applausos e aclamações.

IDEIAS, LIÇÕES, CONSELHOS

V

Um conselho que parece pueril; mas que é sensato, e muito. Póde poupar tempo, e, sobretudo, evitar muita zanga e desespero.

Não ponhas nunca um objecto grande por cima de outro pequeno. Passados momentos, precisas do que está por baixo, começa a procurá-lo por toda a parte, e revolve a casa de baixo acima, nervozissimo, e mandando mil vezes ao diabo a tua imprudencia.

POSTRES

REMINISCENCIAS DO ORIENTE

IV

MACAU—GRUTA DE CAMÕES

A bonita cidade do Santo Nome de Deus de Macau, edificada na parte meridional de uma pequena península cêrca de cinco kilometros e tanto de comprimento, no extremo sul oriental do vasto imperio da China, apresentando a quem vai do mar a sua gloriosa bandeira içada no mastro de uma Fortaleza, mostra como que sorrindo, ás outras nações, que se Portugal não é já rico de haveres como outr'ora, conserva ainda ali, todavia, os seus brazões, e os symbolos dos seus triumphos conquistadores.

E' logo do oceano, d'essa solidão magestosa, aonde melhor sabemos marcar a latitude e a longitude do nosso mundo de sentimentos, aonde distinguimos mais nitidamente os tons do nosso intimo, aonde nos occupamos mais a agitar o kaleidoscopo do nosso cerebro, é logo do oceano que vemos naquellas remotas paragens, como que surdir naquella pequena tela ondeando ao vento a imagem querida da patria.

Quatro fortalezas guardam Macau dos assaltos traiçoeiros do inimigo.

Boas igrejas e grandes edificios, falam de antigas prosperidades.

Casas bem construidas, alegres, limpas, dão um cunho de distincção á cidade, que tem as suas ruas muito acedadas, e optimamente calçadas.

Em frente da sua enseada estende-se a «Praia Grande», e á direita destaca-se o campo de S. Francisco, orlado de uma symetrica fileira de arvores copadas, intervalladas por assentos de pedra. Ponto de reunião dos passeantes,—cuja escassez augmenta com a falta não só das familias genuinamente portuguezas que teem regressado á patria, como das estrangeiras,—é o unico allivio nas tardes e nas noites de luar, ás ardensias abrazadoras do verão.

Em outros tempos florescentes, a sociedade macaense, exuberante em recreativo, luxuoso e principesco acolhimento, espalhando primores de fino trato aristocratico pelos seus festivos e hospitaleiros salões, era um farol brilhante que se erguia em luminosas esperanças fagueiras, no horizonte monotono e isolado d'aquelles que longe do ninho paterno e patrio, se lançavam nos seus braços entreabertos.

Hoje creio que tudo é apenas um ecco do que foi!...

Na sua vida commercial, tambem outr'ora importantissima, Macau tem hoje, ainda assim, um movimento relativamente importante, principalmente em chá e opio; mas este commercio é quasi exclusivamente exercido por negociantes chins e algumas casas estrangeiras.

Tufões medonhos que arrebatam milhares de vidas, precipitando-se do

cahos do espaço n'um cahos de horrores sobre as praias, amide açoitam cruelmente a cidade, causando destroços incalculaveis. Alguma coisa, porém, d'essa terra que não deve morrer, parece ter-lhes merecido respeito sagrado...

Um dia a Natureza a brincar, pôsou á flor das aguas do mar da China uma gruta engastada em rochas de granito. Deu-lhe depois um docel recamado de limpidas safiras, e uma larga cinta de esmeraldas fulgurosas. O sol enviou-lhe tambem do seu throno immortal, os seus beijos de fogo, nos seus raios de luz. Mais tarde, um genio, Camões, naufrago nas tempestades do infurtunio, debattendo-se agonizante em ondas de incensolaveis mágoas, arremessado pela corrente de iniqua vingança ás desoladas plagas do exilio, vai de encontro a ella, abraça-a todo affectos, e revela-lhe os sublimes segredos da sua alma!

N'um meigo e triste enlevo, inclinada, ella escuta os sonhos do poeta; é ella a muda testemunha do seu pranto, dos seus devaneios, dos seus suspiros, dos seus soluços; é ella que escuta as estrophes de que aquelle genio teceu o seu poema immortal!

A gruta vive ainda hoje da vida que lhe transmittiu Camões.

Na escuridão das horas mortas, o «solitario» — a triste ave nocturna — com o seu piar compassado, carpidor, dolorido, parece lastimar ainda o fado triste do amante expatriado que por aquelle ambiente fizera repercutir os gritos da sua desesperada saudade, d'essa dor... que só a dor comprehende!... As folhas murmurantes parece repetirem ainda, dia e noite, os queixumes do Proscrito; tanto tudo ali fala das suas glorias, dos seus amores, dos seus martyrios.

O busto de Camões que se ergue no centro da gruta, é um idolo aureolado pelos fulgores de uma homenagem assidua.

A gruta é em Macau como que um santuario para onde se dirigem em romaria saudosa, os viajantes que visitam a cidade. Todavia, a mão do homem quiz profanar a belleza natural da rocha que forma a abobada da gruta, collocando sobre ella um mirante rendilhado, porque d'ali o panorama abraça todos os primorosos encantos da natureza; mas se esses mesmos encantos se apanham em flagrante contemplação de uma das extremidades da matta, para que se commetteu um sacrilegio? Eu diria tambem como um poeta:

*Laissez l'humble rocher sans festins, sans sculpture, Pare des-culs traits qu'il tient de la nature. Que lui sert cet ornat? Pour qu'il fappe les yeux, A-t-il besoin de faste et de pompe étrangère? Il suffit au ciseau de graver sur sa pierre, Ce nom qui fut si glorieux!*

Este abrigo encantador aonde o grande poeta «misturára em pathetica harmonia os sons da cythara queixosa co'os fragores da vaga» é a gloria dos macaenses,—o seu melhor thesouro!

AGAR.

TELEGRAMMAS

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

PORTO — 6 de julho ás 10 e 30 da manhã

Lavra grande confusão a respeito do dia dos festejos.

A commissão executiva da Associação Liberal procurou o governador civil, que disse esperar noticias importantes até á uma hora de hoje. Caso essas noticias não affirmem a vinda de El-Rei, a commissão partirá immediatamente para Lisboa pedindo a comparencia de um representante da familia real.

Algumas commissões das ruas farão festejos no domingo.

Levantam-se aquartelamentos provisorios na Arca d'Agua para as forças de cavallaria.

Morreu o capitalista Antonio Dias Alves Pimenta. Deixou legados a muitos estabelecimentos pios.

# MAISON DE FRANCE

ESPECIALIDADE EM CHAPEOS E CONFECÇÕES

Ha uma verdadeira exposição de elegantes CHAPEOS, executados pelos ultimos modelos das mais acreditadas MODISTAS DE FRANÇA; para SENHORAS e CRIANÇAS. Arranjam-se todos os chapéus antigos á moda pelos ditos modelos, e ha todos os preparos para os confeccionar. Cascos para chapéus de 500 a 4500 réis.

### ATELIER DE VESTIDOS

Executam-se VESTIDOS e CONFECÇÕES com a maxima perfeição, rapidez, e por preços muito resumidos, assim como ENXOVAES completos para NOIVAS á vista dos ultimos figurinos. Satisfazem-se encomendas de todas as terras do reino e ilhas, encarregando-se dos transportes com a maior promptidão.

N. B. Todos os artigos de modas são vendidos na «MAISON DE FRANCE», por preços consideravelmente resumidos, e por isso os proprietarios d'esta casa esperam merecer a deferencia dos seus clientes.

TRAVESSA DE SANTA JUSTA, 61 — 1.º ANDAR

# O ANTONIO MARIA

Publicação humorística illustrada

POR

BORDALLO PINHEIRO

### E collaborada por distinctos escriptores

Estão publicados 3 vol. que são um verdadeiro bijou de assumptos politicos, theatraes, etc., etc., com referencia aos tres ultimos annos de 1879, 80 e 81.

Existe um diminuto numero de colleções completas, e dentro em pouco tempo será difficil obter um exemplar.

Os 3 vol. lindamente enc., capas em chromo, envernizadas, e com pastas exteriores para resguardar o brilho d'aquellas, preço 15\$000 réis. O preço será augmentado dentro de pouco tempo.

A venda na Empresa Litteraria Luso-Brazileira, rua dos Correios, 140, 1.º, Lisboa, administração do Antonio Maria. Toda a correspondencia dirigida a A. de Sousa Pinto.

### Aos snrs. assignantes d'esta publicação

No escriptorio da mesma empresa recebem-se colleções para encadernar e arranjar nas mesmas condições ao preço de 3\$750 réis os 3 vol.

## A' volta do mundo

1 volume luxuosamente encadernado 3\$500  
A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

ALMANACH

## Antonio Maria

PARA 1882

Preço 300 réis

A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

# ALBUM DAS GLORIAS

Desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro

A primeira publicação n'este genero

Já estão publicados 28 perfis.—Preço avulso 120 réis; assignatura, 12 numeros, 1\$200 Assigna-se no escriptorio da Empresa, rua dos Correios, 140, 1.º

### O maior successo!

## A VENUS NEGRA

De Rodolpho Belot  
Autor dos Estranguladores

Grande romance geographico, illustrado, de aventuras, episodios e paixões no Continente Negro.—3 vol. 2\$250 em brochura, 3\$000 em percaline.—Empresa Ferreira de Brito, Victoria, 166, Porto, e em todas as livrarias principaes e Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

### O ultimo negroiro

Romance geographico, illustrado, de escravatura, e explorações na Africa Mysteriosa.—1 vol. 600 réis.—Empresa Ferreira de Brito, e nas principaes livrarias e na Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

### Os pescadores de nacar

Romance geographico, illustrado, de viagens e aventuras no centro d' Africa.—1 vol. 600 réis.—A' venda na Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

### CAMONEANAS

DE FERREIRA DE BRITO  
Portugal a Camões, Fabula de Narcizo O Atheneu, O Parnaso, Homenagem a Camões, etc., etc.  
A' venda na Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

Eça de Queiroz—Ramalho Ortigão.

# AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

PREÇO 200 RÉIS

### SUMMARY D'ESTE NUMERO

A patria portugueza e os quatro milhões d'egoismos de que ella consta—Presente estado das ideias—A religião—A politica—A moral—A arte—Sentido historico do centenário de Camões, sua influencia e seus resultados—Dois annos depois—A celebração do centenário do Marquez de Pombal considerada como symptoma psychologico—Do estadista em geral e do Marquez em particular—Adduzem-se razões e testemunhos insuspeitos para o fim de provar que o estadista é um agente secundario entre os acceleradores do progresso, e que o Marquez de Pombal é um individuo secundario na classe dos estadistas—Buckle, Guizot, Bastiat, Begehot, Herbert Spencer, Wechniakoff, Augusto Comte, Michel Chevallier, e outros—Demonstra-se que o Marquez de Pombal exprime a negação de tudo aquillo que a liberdade afirma e que a democracia proclama—Coerção da agricultura, coerção da industria, coerção do commercio, coerção dos direitos civis, coerção do pensamento—Arruamento geral de todas as actividades nacionaes pelo systema quadrangular da reedificação da Baixa—Secularisação do jesuitismo na pessoa do mesmo Marquez—A estatua de Sebastião e o monumento do Terreiro do Paço—Paralelo do cavallo e do cavalleiro—Pode-se o esquecimento para um e uma charrua para o outro.

A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira  
140, Rua dos Correios, 1.º

# UNIÃO

Photographia da Casa Real



## FONSECA & C.ª

Premiada pela Academia Nacional de Paris em 1878 e nas exposições Universal de Philadelphia de 1876, Rio de Janeiro de 1879 e Cadiz de 1880

47, Praça de Santa Thereza, 47

PORTO

### CHROMOTYPIA

#### Retratos inalteraveis a carvão

N'esta photographia, que se acha estabelecida n'uma casa apalaçada, que offerece todas as commodidades precisas para ser honrada pelo publico, executam-se todos os trabalhos concernentes á arte photographica, segundo os melhores e mais modernas processos, o que lhe tem valido distinctos louvores de toda a imprensa e a visita dos principaes personagens do paiz e do estrangeiro. Opera-se todos os dias e com todo o tempo.

## EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

EDITORA  
DIRECTOR-PROPRIETARIO  
A. de Sousa Pinto

# Á VOLTA DO MUNDO

Jornal de Viagens e Assumptos Geographicos

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

Representando paisagens, cidades, villas, monumentos, retratos, historia natural, costumes de todos os povos do mundo, etc., e um grande numero de cartas geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas estrangeiros e nacionaes.

A PRIMEIRA PUBLICAÇÃO GEOGRAPHICA QUE SE FAZ EM PORTUGAL DE TANTA IMPORTANCIA E COM TANTO LUXO E NITIDEZ

DIRECTORES LITTERARIOS

Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo

Coadjuvados para os diferentes estudos da sciencia por alguns distinctos escriptores

O 1 vol. contém 138 gravuras nitidamente impresso, em bom papel, typo novo, etc.

Preço brochado..... 2\$500  
Lindamente cartonado..... 3\$500

A venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira editora, director proprietario A. de Sousa Pinto, Travessa da Palha, 140 1.º, Lisboa. Está em distribuição o 7.º fasciulo do 2.º anno.

## BAZARES

Grande diversidade em lindos objectos de phantasia do mais fino gosto proprio para brindes, e muitos outros apropriados para premios dos BAZARES nas proximas festas campestres.

### CAFETEIRAS RUSSAS

NOVAS MACHINAS PARA CAFÉ

### CASA DE NOVIDADES

ALVARO JOSÉ BAPTISTA

RUA DO OURO

145 147  
Typographia da Empresa Litteraria Luso-Brazileira — Pateo do Aljube, 6 — Lisboa.

# TYPOGRAPHIA

DA

## EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

5 — PATEO DO ALJUBE — 5

LISBOA

Escriptorio da Empresa—Correios, 140, 1.º. *Fulgo travessa da Balha*

Director-proprietario — A. DE SOUZA PINTO

Esta officina montada com todos os aperfeiçoamentos mais modernos, e com uma espedida e variada colleção de tipos e phantasias das principaes casas de Paris n'este genero, com magnificas machinas Marinoni de grande formato, pretos e machina Minerva, tendo além d'isso um pessoal escolhido, tanto em composição como impressão, acha-se habilitada a tomar conta de todo e qualquer trabalho, desde o bilhete de visita ou factura até ao de maior importancia em luxo e formato.

Imprime-se a ouro, prata, cores, em setim, etc.

O preço dos trabalhos, será, quando não menor, igual ao dos outros estabelecimentos typographicos do paiz.

Os snrs. assignantes dos jornaes — A' Volta do Mundo, Antonio Maria, Raças Humanas e Album das Glorias, gozam em todas as encomendas que fizerem o desconto de dez por cento.

Garante-se a nitidez do trabalho e a prompta execução

Esta officina foi estabelecida pela empresa editora do jornal A' Volta do Mundo e das Raças Humanas, etc., para ali se imprimirem estas publicações, bem como o jornal Antonio Maria (caps), etc.

O luxo e nitidez d'ellas são specimen sufficiente para que o publico possa avaliar a veracidade do que se promette. A Empresa Litteraria Luso-Brazileira, que até hoje tem cumprido tudo quanto tem prometido, que nunca faltou ao seu programma, espera não faltar agora tambem ao que lhe for exigido.

Espera portanto que o respeitavel publico em geral e os seus amigos e freguezes coadjuvem o abaixo assignado nos esforços empregados.

O DIRECTOR-PROPRIETARIO

A. de Sousa Pinto.

# Livraria Industrial

EDITORA

229, RUA AUGUSTA, 231

Manual do Christão Devoto — livro de orações consideravelmente augmentado; impressão em bom papel; gravuras feitas em Paris. (Não confundir a nossa edição com outra que saiu ao mesmo tempo.)

Livros de estudo portuguezes e francezes; romances dos principaes auctores; albums para retratos e desenho; vistas de Portugal, oleographias, chromos, objectos para desenho. Unica casa onde se vendem livros para Conservatorias.

229, RUA AUGUSTA, 231